

**O TORNAR-SE ADOLESCENTE:
GRELHA DE ANÁLISE PARA O RORSCHACH**

Isabel M.^a Gonzalez Duarte da Cunha

Psicóloga Clínica/Psicoterapeuta

Doutorada em Psicologia Clínica, Clínica Privada

Resumo: A adolescência é um período do desenvolvimento no qual ocorrem importantes transformações psíquicas. Através deste estudo que foi realizado no âmbito do Doutorado em Psicologia Clínica, procedeu-se à construção de uma grelha de análise para o Rorschach, permitindo aceder e descrever quais os processos psíquicos em construção durante o processo de desenvolvimento adolescente. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, de tipo longitudinal, realizado com protocolos de 9 adolescentes, de sexos diferentes, recolhidos aos 13 e aos 16 anos.

A grelha de análise foi construída com base nas teorias da relação de objeto, nos processos de transformação e de co-construção, assentes em dois organizadores: a techne reveladora da capacidade de integração dos processos de simbolização e o campo como lugar (re)significador do desconhecido. Através da leitura e da interpretação desta grelha de análise foi possível aceder, compreender e conceptualizar as transformações do Eu e da relação Eu-Outro.

A realização deste estudo permitiu uma leitura mais próxima dos processos psíquicos que estão em construção durante a adolescência, o que se constitui como fundamental na sociedade atual para a estruturação de novas práticas de acompanhamento, procurando alterar os referenciais usados mais habitualmente.

Palavras-chave: Adolescência, Transformação, Rorschach, Co-construção, Prevenção.

Abstract: Adolescence is a period of development in which there are important psychic changes. This study result of the work at the Doctoral Program in Clinical Psychology, we proceeded to the construction of a grid analysis for the Rorschach, allowing access and describe what the mental processes in construction are during the process of becoming an adolescent. There is a qualitative methodology, a longitudinal study, conducted with protocols of 9 adolescents, of different genders collected at 13 and 16 years old.

The grid of analysis was constructed based on the theories of the object relations theory, in the transformation and co-building processes, based on two organizers: the techne reveals the ability of integration of processes of symbolization and the field as a place of (re)signification of the unknown. Through the reading and interpretation of this grid of analysis it was possible to access, understand and conceptualize upon the transformations of the I and the relationship I-Other.

The approach of this study will allow a closer reading of the mental processes that are under construction during adolescence, which is as fundamental in today's society, to may lead to new monitoring practices, seeking to change the frameworks used more commonly.

Keywords: Adolescence, Transformation, Rorschach, Co-construction, Prevention.

O Tornar-se Adolescente

A adolescência é um período do desenvolvimento durante o qual têm lugar importantes transformações, que se prendem com o desejo de vir a Ser e o não Ser ainda, num caminho de descoberta e integração que liga a infância à vida adulta. Ao longo dos anos, muitos tem sido os estudos realizados sobre a adolescência. Os trabalhos clássicos descreviam a adolescência através dos conceitos de luto, crises e ruturas, progressivamente verifica-se um alargamento dos referenciais teóricos, possibilitando a compreensão deste momento do desenvolvimento como um processo de transformação, possibilitando aceder ao processo intra e intersubjetivo inerente ao tornar-se adolescente a caminho de vir a ser adulto.

Este estudo foi realizado com base num conjunto de conceções que permitam realizar uma compreensão dinâmica sobre os processos em construção no tornar-se adolescente: (1) o modelo das transformações descrito por Bion (1982), que permite descrever a relação de encontro e de comunicação entre o sujeito e o objeto, mas também entre o objeto e o sujeito, numa (re)criação de novos objetos, dotados de novas características e qualidades, (2) o conceito de “processos de transformação” desenvolvido por Braconnier (1985), por ser aquele que nos possibilita a compreensão do processo em curso, no qual existem mecanismos já formados e outros que ainda se estão a constituir e (3) a noção de objeto transformacional, descrita por Bollas (1989), a partir da qual passa a ser possível representar a relação com um objeto, o qual representa a experiência da transformação. E por fim, (4) as noções de transferência e de contratransferência, que possibilitam uma compreensão dos processos envolvidos na dinâmica relacional e a noção de intersubjetividade, como um processo de comunicação inconsciente, geradora de crescimento mental.

Para aceder às transformações psíquicas inerentes ao processo de tornar-se adolescente estruturei dois organizadores psíquicos: a *techne* (Vassalli, 2001) que permite descrever algo que se vai tornando, possibilitando a produção de um conhecimento e o campo (Ferro, 2009) como o lugar onde está presente um trabalho intersubjetivo de co-construção, revelador de um crescimento mútuo. Estes organizadores foram inscritos numa relação continente-conteúdo (♀♂) (Bion, 1991), de modo a ser possível explicitar como é que se constituem os processos psíquicos, num contexto intra e intersubjetivo de co-construção.

O conceito de *techne* permitiu explicitar o próprio processo de tornar-se adolescente, trata-se de algo que não está construído à partida, mas que se vai tornando, aproximando-se da produção artística, na medida em que existe o propósito de comunicar, mas a forma como o artista o faz é algo que se vai revelando na obra, que vai emergindo, revelando o próprio processo de criação. Tal como nos descreve Caper (2009) quando diz que o “... trabalho de um escultor, que não está claro no início, mas que emerge durante o processo de

criação” (op. cit; pp. 47). Trata-se de uma espécie de aprendizagem, que revela o conhecimento através da análise do processo único que produz o resultado. A *techne* é como um improviso de uma tarefa específica, que permite não só aprender com o problema, mas tentar resolvê-lo, tal como o processo adolescente traduz um conjunto de construções psíquicas que estão em curso durante este período do desenvolvimento para resolver a tarefa que é crescer e Ser.

A noção de campo também se constitui como fundamental para explicitar este momento do crescimento, já que nele está presente uma contínua oscilação, entre a abertura de significados e o fechamento ao conhecimento (Ferro, 2011). Da mesma forma que o adolescente oscila entre a avidez, a procura, o desejo de explorar vs. a impotência, o fechamento, o retraimento, numa retirada quase narcísica.

Techne-campo ao serem inscritos numa relação do tipo continente-conteúdo (Bion, 1991), passam a ser entendidos através de uma dinâmica intersubjetiva geradora de um espaço de co-construção, revelador da dinâmica inerente às transformações psíquicas em curso no processo de tornar-se adolescente, possibilitando a compreensão de como é que decorrem, numa relação intra e intersubjetiva, mas também, de que modo é que a relação que se estabelece com o(s) Outro(s) tem influência nas transformações psíquicas em curso no tornar-se adolescente.

Com base na *techne* e no campo o objetivo deste estudo foi o de aceder, para melhor compreender, os processos psíquicos envolvidos na passagem da infância à idade adulta, procurando elaborar uma teoria explicativa das transformações que tem lugar durante o tornar-se adolescente, explicitando as suas particularidades no feminino e no masculino.

Metodologia

Neste estudo foi utilizada uma metodologia de tipo qualitativo, uma vez que o objetivo não é o de alcançar um número alargado de sujeitos, mas antes aceder à singularidade de cada caso, com as particularidades que constituem a diferença, que devem ser levadas em consideração na subjetividade de cada sujeito, pelo que não é possível fazer generalizações, mas antes, pensar o específico de uma forma criativa (Caper, 2009). Desta forma, e um pouco à semelhança do processo de construção criativo e intersubjetivo, presente no tornar-se adolescente, foi possível ampliar o conhecimento, aceder ao que verdadeiramente está em construção, possibilitando a observação, o “aprender com a experiência” (Bion, 1991).

O Rorschach foi o instrumento utilizado para a realização deste estudo, tendo sido escolhido por possibilitar um acesso privilegiado à natureza do funcionamento psíquico do sujeito, pelo que foi dotado de um estatuto teórico bem definido e delimitado de modo a permitir o acesso ao processo de construção de sentido(s), no qual opera a significação e a simbolização. Neste sentido, o

Rorschach passar de instrumento a método, apresentando uma relação direta com as teorias da relação de objeto e com o modelo do pensamento, que lhe conferem novas potencialidades. Neste sentido, o Rorschach foi inscrito nos paradigmas consagrados pela significação, através dos quais foi possível aceder aos processos mentais presentes na relação que se estabelece entre sujeito(s) e/ com o(s) objeto(s).

Este estudo foi realizado com 9 adolescentes (5 raparigas e 2 rapazes) que se encontravam a frequentar uma Escola Secundária, nos arredores de Lisboa. Todos os participantes apresentavam condições semelhantes, no sentido de recorrerem apenas às suas próprias estratégias para fazerem face ao período do desenvolvimento que estavam a atravessar, sem terem tido necessidade de recorrer, até à data, da passagem da prova a consultas de Psicologia e/ou Psiquiatria. Apresentavam ainda, uma grande homogeneidade ao nível escolar, sem insucesso escolar, com níveis médios de rendimento.

As famílias dos adolescentes que participaram neste estudo eram aparentemente estáveis, ou seja, famílias ditas “tradicionalis”, em que os filhos se tornam adolescentes no contexto da família. Os pais apresentam idades compreendidas entre os 45 anos, no caso do pai e 43 anos, no caso da mãe, possuem profissões compatíveis com o seu nível de escolaridade, com um estatuto sócio-económico considerado de nível médio. Dois dos adolescentes não têm irmãos (uma rapariga e um rapaz), apenas uma das adolescentes tem dois irmãos, os restantes têm apenas um irmão.

Trata-se de um estudo longitudinal porque foi realizado com os mesmos adolescentes, em dois momentos diferentes do seu desenvolvimento, primeiro aos 13 anos e mais tarde aos 16 anos, por serem os dois momentos do tornar-se que melhor possibilitam dar conta das inúmeras passagens que têm lugar entre o conhecido e o desconhecido, o próximo e o distante, o aberto e o fechado, o familiar e o estranho, numa oscilação que pode ir da união para a dispersão, como pode ir da dispersão para a integração, promovendo e sustentando os processos de crescimento mental.

A análise dos 18 protocolos de Rorschach foi realizada com base na sequência das respostas, dadas por cada adolescente a cada um dos cartões, pela análise da passagem de um objeto a outro, para cada um dos cartões e na totalidade do protocolo, o que foi essencial para compreender como é que decorre a passagem de um momento a outro do crescimento, permitindo descrever as transformações psíquicas que têm lugar aos 13 e aos 16 anos e na passagem do primeiro para o segundo momento, revelando os movimentos de integração que favorecem o crescimento, aqueles que ainda se encontram em formação e em construção e aqueles que ainda não se encontram suficientemente consolidados e integrados.

Construção de uma Grelha de Análise para o Rorschach

Partindo dos referenciais clássicos do Rorschach com inscrição na escola Francesa, onde se destacam os trabalhos de Chabert (1998a e 1998b) e os de Rausch de Traubenberg (1990 e 1983), realizei uma (re)visitação teórica, com uma inscrição conceptual nos modelos eleitos para a realização deste estudo, tendo em conta a simbologia latente dos cartões e os elementos interpretativos da cotação. A articulação dos elementos qualitativos e quantitativos do Rorschach, com os organizadores *techne* e *campo*, permitiu a construção de uma grelha de análise para o Rorschach, através da qual foi possível aceder e descrever as transformações psíquicas em construção no que é tornar-se adolescente (ver figura 1).

A análise da *techne* teve em conta como é que o(s) objeto(s) se apresentam na sucessão das respostas, qual o significado do seu encadeamento e de que forma é que operam os movimentos existentes nas passagens entre o próximo e o distante, o aberto e o fechado, o estático e o movimento, o conhecido e o desconhecido, o quente e o frio, o familiar e o estranho, em movimentos que tanto podem ir da reunião à dispersão, como da dispersão à integração, com base num processo criativo de simbolização.

Figura 1 - Grelha de análise para protocolos Rorschach de adolescentes

Organizadores	Elementos qualitativos	Elementos quantitativos		
		Modos de apreensão	Determinantes	Conteúdos
Techne	- Relação continente-conteúdo: movimento que vai da dispersão à integração e da integração à dispersão, surgindo o objeto interno e o externo ligados e recriados através de um processo criativo de simbolização; - Resposta-imagem-símbolo como reveladora do processo de simbolização e de co-construção; - Movimento presente na sucessão das respostas no protocolo.	- G e D nas suas variações; - Dbl associado a uma boa qualidade formal.	- K e Kan: interação ativa/passiva/agressiva entre fig. Humanas/ Animais/ irrealis ou de lenda; - C, C' e E perspetiva.	- H% (12-18%) - A% (35-50%) - Valor simbólico: sexual, agressivo, regressivo.

Organizadores	Elementos qualitativos	Elementos quantitativos		
		Modos de apreensão	Determinantes	Conteúdos
Campo	- Relação continente-conteúdo visível nas respostas, reveladoras da comunicação entre o mundo interno e o externo; - Processo de transformação presente nas respostas-imagens-símbolos, surgindo a recusa como a expressão da incapacidade de elaboração transformativa; - Circularidade entre: espaço e tempo numa relação delimitadora e (re)significadora.	- G simples associados a Ban; - G% dentro dos valores normativos (20-30%); - D% simples dentro dos valores normativos.	- F% (50-70%); - F+% (80-85%); - Determinantes duplos (C, C' e E); - E (textura e/ou difusão); - K e kan: dinâmica relacional de tipo funcional, lúdico e/ou cooperativo; - kob e kp.	- Objetos inteiros vs. partidos ou danificados; - Temáticas vs. conteúdos com valor agressivo.
Techne-Campo	- Circularidade psíquica presente no conteúdo simbólico das respostas.	- G's e D's nas suas variações.	- K; - C e E.	- Objetos em relação continente-conteúdo.

Dentro dos elementos quantitativos reveladores da techne nos modos de apreensão destaca-se a presença de respostas globais (G), de grandes detalhes (D) e de detalhe branco (Dbl), como elementos reveladores ou não do processo criativo de simbolização e de co-construção de acordo com a qualidade do determinante formal que se encontra associado.

Nos determinantes elegemos as cinestésias humanas (K) e as animais (kan) por serem aquelas que melhor traduzem a capacidade do adolescente se reconhecer por inteiro, para Linhares & Pinheiro (2009), são respostas importantes na atividade de para-excitação. As cinestésias permitem-nos ainda aceder à intersubjetividade entre sujeitos, pelo que é importante ter em atenção o tipo de dinâmica presente na interação, ativa, passiva e/ou agressiva. E as respostas onde os elementos sensoriais dominam na sua determinação, a cor cromática (C)/acromática (C') e o esbatimento (E), em particular os esbatimentos de perspectiva porque têm em atenção a exploração de diferentes planos no espaço.

Dentro dos conteúdos que nos permitem aceder à techne devemos ter em atenção a sua inscrição nos valores normativos e o seu valor simbólico deverá surgir ligado a temáticas sexuais de modo a poder revelar o processo criativo de simbolização, o que se altera quando existe uma falha no processo criativo de

simbolização, emergindo os conteúdos com um valor agressivo e/ou regressivo. Dentro dos processos de co-construção, os conteúdos deverão ser reveladores do dinamismo pulsional do sujeito, mas quando ocorre a sua falha deverão surgir conteúdos parciais ou outros de valor regressivo.

O campo é o lugar de encontro, de partilha, intra e intersubjetivo, dotado de características próprias, no qual está presente um jogo dinâmico ordenado pela identificação projetiva, que possibilita a constituição de um espaço de transformação, no qual emergem os conteúdos, funcionando como um continente gerador de novos sentidos e significados, revelador do processo de crescimento em curso (Ferro, 2009).

As manchas Rorschach fazem apelo à percepção, levando o adolescente a organizá-las sob a forma de imagens, posteriormente comunicadas sob a forma de uma resposta. No campo, os pictogramas, são reveladoras da intersubjetividade inconsciente (Ferro, 2002), tal como no Rorschach são as respostas e os movimentos que nelas estão contidos que possibilitam aceder ao mundo interno do sujeito. Mas, nem sempre é possível a comunicação sob a forma de uma imagem, constituindo-se a recusa como a expressão da incapacidade de elaboração transformativa.

A noção de campo pode ser pensada na situação projetiva, na medida em que ocorre no encontro entre o sujeito e o objeto, no qual está presente uma construção intersubjetiva, que aqui será revelada nas respostas dadas no Rorschach. Estas traduzem todo o conjunto de movimentos que tiveram lugar no interior do sujeito mas que são, ao mesmo tempo, o fruto da relação naquele espaço-tempo, numa articulação com outro espaço e outro tempo internos. No Rorschach, o campo expressa-se através da relação de circularidade entre o espaço e o tempo, podendo ser pensada através da noção de continente-conteúdo, na medida em que o continente necessita de um conteúdo e vice-versa, uma vez que o espaço não existe só por si, mas sim na relação com o tempo, que lhe dá significado e que o delimita. Espaço e tempo podem aparecer separadamente, mas também podem emergir ligados, sendo reveladores do modo como os objetos se apresentam em relação aos outros, numa ligação entre o continente e o conteúdo.

Nos elementos quantitativos, nos modos de apreensão as respostas globais (G) e as de grande detalhe (D) devem encontrar-se dentro dos valores considerados normativos. As respostas globais devem ainda ser simples de modo a traduzirem a relação continente-conteúdo. Nos determinantes foi valorizada a existência de um F% e de um F+% dentro dos valores normativos atendendo à sua função delimitadora.

A presença de determinantes duplos foi outro procedimento importante, em especial na associação aos determinante sensoriais, ou seja, à cor cromática (C) e/ou acromática (C') e ao esbatimento (E) de textura e de difusão. O esbatimento de textura, por ser aquele que reativa uma sensibilidade precoce no tocar e no ser tocado, encontra-se ligado a uma procura de um continente. O esbatimento

de difusão por apresentar um valor defensivo, desempenhando um papel de ecrã relativamente às emergências fantasmáticas, podendo estar ligado a mecanismos de recalçamento, revelando uma falha ao nível do continente, levando a uma confusão entre espaço(s).

As respostas de grande cinestesia (K) foram escolhidas por permitirem aceder à articulação entre o espaço e o tempo, duas dimensões presentes no campo, mas também, por permitirem qualificar a dinâmica presente na relação que pode ser de tipo funcional, lúdico ou cooperativo. As cinestésias de objeto (kob) tendem a aumentar na adolescência, como resultado do desequilíbrio pulsional introduzido pelos rearranjos pubertários, antes da organização genital ser a dominante. Segundo Godinho, Marques & Pinheiro (2009), as cinestésias de objeto percecionadas em movimento (kob) e as cinestésias de partes do corpo percecionadas em movimento (kp) dizem respeito à mobilização das pulsões, não comprometendo a adaptação à realidade, traduzindo o compromisso entre a percepção e a projeção. No campo traduzem a incapacidade em organizar o caos, podendo suscitar o aparecimento de um intenso movimento de identificação projetiva.

Nos conteúdos, para além da importância do seu valor simbólico, foi considerado o tipo de objetos referidos pelo sujeito, o seu caráter íntegro ou a presença do dano, através da referência a estar partido ou estragado, numa associação direta a um continente suficientemente íntegro ou pouco estável porque danificado. O valor agressivo foi revelador da presença de uma identificação projetiva massiva sendo a sua valência positiva revelada através das temáticas.

Na análise dos protocolos de Rorschach foi ainda considerada a forma como teve lugar a passagem do primeiro para o segundo momento do tornar-se, o que suscitou a necessidade de ter em atenção o conteúdo simbólico das respostas, as variações no tipo de apreensão, o dinamismo subjacente à dinâmica pulsional traduzido pelas grandes cinestésias, pela cor e pelo esbatimento. Estes elementos foram fundamentais para permitir a compreensão da relação techne-campo inscrita numa relação do tipo continente-conteúdo, particularmente evidente nos conteúdos, quando os objetos foram colocados neste tipo de relação.

Resultados

Os protocolos dos 9 adolescentes (7 raparigas e 2 rapazes) que aceitaram participar neste estudo foram analisados com base: na techne que permitiu aceder ao processo criativo de simbolização e aos processos de co-construção. E no campo pelo bom funcionamento da relação continente-conteúdo e do movimento de identificação projetiva. Da análise realizada passo a referir algumas das variantes e das invariantes encontradas para cada um dos dois momentos do desenvolvimento, para o masculino e para o feminino.

Na análise dos dados Rorschach, para o organizador *techne*, a maior homogeneidade foi encontrada ao nível do processo criativo de simbolização e na falha do processo de co-construção, nos dois momentos e para ambos os sexos. No que diz respeito à falha no processo criativo de simbolização verifica-se no início da adolescência para as raparigas uma dificuldade em conter e significar o relacional e as suas dimensões mais arcaicas, o que num segundo momento do desenvolvimento aparece circunscrito, surgindo apenas uma falha pontual na elaboração da dor mental. Contudo, este movimento permanece nos rapazes no segundo momento do desenvolvimento.

A relação de encontro e de partilha entre sujeitos tem por base uma relação intersubjetiva e de co-construção, na medida em que nas respostas Rorschach, dadas pelos adolescentes, é possível o desmultiplicar de encontros, ligações e transformações entre objeto(s) interno(s) e objeto(s) externo(s) (Marques, 1999). Foi no processo de co-construção, no primeiro momento do desenvolvimento, onde se verificou uma maior diferenciação entre as raparigas e os rapazes, no tipo de interação que se estabelece, nelas de tipo dinâmico e neles de tipo passivo. No segundo momento do desenvolvimento, verificou-se um aumento da interação na dinâmica *Eu-Outro*, em ambos os sexos. Os elementos da cotação, na passagem do primeiro para o segundo momento do desenvolvimento, revelaram um aumento das respostas globais associadas à cor, o que é indicador de um bom processo de simbolização e de co-construção.

Para o organizador *campo* as maiores diferenças surgiram na relação continente-conteúdo no segundo momento do desenvolvimento, no tipo de interação que se estabelece na relação *Eu-Outro*, nas raparigas de tipo especular, cooperativo e funcional e nos rapazes de tipo lúdico. Outra das características do *campo* é a existência de um movimento de identificação projetiva, que no primeiro momento do tornar-se no feminino apresenta uma maior capacidade de transformação, enquanto no masculino revela uma maior dificuldade, embora a identificação projetiva de tipo massivo apresente uma maior constância nos dois momentos do desenvolvimento.

Dos elementos da cotação que definimos para a análise do *campo*, a maior diferença nos modos de apreensão, diz respeito à utilização dos grandes detalhes (D), encontrando-se uma maior incidência dos valores normativos no primeiro momento, em ambos os sexos, surgindo no segundo momento uma maior incidência em todos os protocolos das respostas globais simples associadas às banalidades.

Nos determinantes, na passagem do primeiro para o segundo momento do desenvolvimento, existe um aumento do F% dentro dos valores normativos, o que revela a existência de um continente bem delimitado, com a permeabilidade necessária para que ocorra a comunicação entre o mundo interno e o externo. Em ambos os momentos do desenvolvimento e para ambos os sexos encontramos

presente a existência de determinantes duplos, com a particularidade de existir uma maior incidência nos cartões pastel, o que significa que existe uma sensibilidade às características sensoriais da mancha. A maior diferença surge ao nível da utilização do esbatimento. Aos 13 anos são referidos esbatimentos de textura e de difusão e aos 16 anos surgem apenas esbatimentos de textura.

As respostas de cinestésias humanas (K) encontram-se presentes nos dois momentos do desenvolvimento, sendo importante destacar, aos 13 anos, a existência de respostas que revelam o caráter especular, para ambos os sexos, as quais dão lugar ao aparecimento de respostas no segundo momento, onde passam a estar presentes movimentos mais contrastados e uma maior tensão na dinâmica relacional, em especial nas raparigas. As pequenas cinestésias de objetos (kob) perfeccionados em movimento, aos 13 anos, são dadas apenas pelas raparigas, revelando-nos a presença de um forte dinamismo mental, com conteúdos que se inscrevem na natureza, revelando o que Linhares & Pinheiro (2009) definiram pela comunicação entre espaços, que se caracterizam por desempenhar uma função contentora.

Nos conteúdos, na passagem do primeiro para o segundo momento do desenvolvimento, verificou-se um aumento das respostas em que os objetos são colocados numa relação do tipo continente-conteúdo, sendo possível evocar num continente, suficientemente estável para conter a dispersão presente na prova. Este tipo de respostas encontra-se presente para os dois sexos. Nos dois momentos do desenvolvimento, a falha na relação continente-conteúdo é visível nos conteúdos presentes nos protocolos que apresentam um valor mais regressivo.

Através da análise dos vários elementos foi possível constatar que as raparigas apresentam, desde do primeiro momento do seu desenvolvimento, um continente mais estabilizado, possibilitando à priori uma maior capacidade de transformação dos conteúdos, numa dinâmica mais ativa, contrariamente aos rapazes que apresentam muitas dificuldades em manter a estabilidade no primeiro momento e que ainda no segundo momento do desenvolvimento apresentam aspetos mais regredidos e uma dinâmica menos evoluída, no que diz respeito às transformações em curso no tornar-se.

As Transformações psíquicas do Tornar-se Adolescente

Com base na análise dos resultados encontrados neste estudo foi possível destacar a existência de dois tipos de transformações: as que estão diretamente relacionadas com o Eu e as que traduzem os movimentos presentes na relação Eu-Outro.

Nas transformações do Eu destaco dois tipos de transformações: a operante e a inoperante, as quais estão diretamente relacionadas com os movimentos

progressivos e regressivos que acompanham o processo de crescimento do adolescente.

A transformação operante é mais saliente e traduz a capacidade do adolescente de dar um sentido e um significado à inquietação presente na entrada deste período do desenvolvimento, existindo no final do tornar-se uma maior capacidade de organização psíquica. Aos 13 anos verifica-se um predomínio de movimentos disruptivos e descontínuos que no segundo momento já são reveladores de uma maior estabilidade psíquica. Nas raparigas este movimento vai do vago e do disperso, para uma maior flexibilidade do pensamento, sendo possível a conciliação do antigo e do novo. Nos rapazes, as fortes clivagens e os intensos movimentos de identificação projetiva, dão progressivamente lugar a uma maior capacidade de simbolização.

Dentro da transformação operante foi ainda possível designar outros dois tipos de transformações: A transformação da máscara, reveladora da capacidade de ligar os opostos; podendo realizar-se uma transformação da máscara da realidade externa, quando se verifica a procura de conciliação de diferentes espaços ou uma transformação da máscara da realidade interna, quando ocorre uma procura de conciliação das capacidades do próprio. É esperado que durante o processo de tornar-se, os adolescentes sejam capazes de lidar com a “duplicidade da máscara”, ou seja, ligar e integrar estes dois tipos de transformações da realidade externa e interna. A outra transformação é a de mapeamento identitário, que ocorre quando o adolescente procura ligar os vários elementos da mancha numa procura identitária. Mais evidente aos 13 anos nas raparigas, mas aos 16 anos já se encontra em ambos os sexos, denotando-se um simbolismo mais abstrato, ligado à procura de um rosto com atribuições claramente mais femininas ou masculinas.

Quando a *techne* traduz a falha no seu processo criativo e co-constutivo, durante o tornar-se, significa que não foi possível “construir-se um caminho no escuro” (Caper, 2009) e que no campo a matriz de histórias suscitou a necessidade de permanecer na dúvida, dada a incapacidade de ligar a emoção (re)organizando-a a partir de um outro vértice facilitador da alfabetização das proto-emoções (Ferro, 2000). Quando durante o processo de tornar-se é este o movimento que está presente, entre os 13 e os 16 anos, encontramos-nos perante o que designamos por uma transformação inoperante, a qual revela a incapacidade de transformação que está presente na relação *techne-campo* entre os dois momentos do desenvolvimento, existindo uma dificuldade em dar um sentido e um significado ao novo e ao desconhecido, não se tendo apurado neste estudo diferenças entre o feminino e o masculino.

As transformações psíquicas da relação Eu-Outro foram descritas com base em três níveis de análise: O primeiro nível por transformação inconclusiva, o segundo por pré-transformação e o terceiro por transformação progrediente,

procurando através desta sequência de transformações dar conta dos movimentos inerentes à relação intersubjetiva e co-constitutiva.

A transformação inconclusiva revela a existência de uma ausência de relação entre a *techne* e o campo, o que significa que existe uma impossibilidade de transformação, ou seja, uma incapacidade em aceder à relação Eu-Outro na passagem que ocorre de um momento, para o outro momento do desenvolvimento. A ausência de relação entre a *techne* e o campo leva a uma permanência na posição esquizoparanóide (Ps), impossibilitando que se realizem transformações, ou seja, sem que se opere uma passagem para a posição depressiva (D), onde decorre a introjeção do objeto, com as suas características boas e más, que antes estavam separadas e que agora passam a poder estar reunidas, favorecendo a sua integração (Klein, 1996). Esta incapacidade inviabiliza o acesso a um processo criativo de simbolização, não se gerando novos sentidos e significados.

A transformação inconclusiva tem uma maior incidência no feminino, sendo reveladora no primeiro momento do desenvolvimento, da existência de uma incapacidade em aceder à relação Eu-Outro, que na passagem para o segundo momento do desenvolvimento já se encontra relacionada com a incapacidade em conter e transformar a dispersão psíquica, dada a dificuldade em simbolizar. A sua menor incidência no masculino revelou a maior dificuldade em estruturar esta dimensão na passagem entre o início e o fim do processo de tornar-se adolescente.

No segundo nível existe uma pré-transformação, que tal como o seu nome indica, procura dar conta de um processo que ainda não se realizou completamente, que está em curso, ocorrendo quando existe um esboço da relação Eu-Outro, que progressivamente dá lugar a uma estruturação dos processos intersubjetivos. A pré-transformação encontra-se ligada ao que Bion (1991) designou por “aprender com a experiência”, no sentido em que se vão consolidando os movimentos psíquicos que fundam e estruturam o tornar-se adolescente, através de uma integração progressiva, que só a experiência pode ajudar a consolidar.

Na pré-transformação existe uma particularidade que se prende com o facto das pré-transformações no feminino ocorrerem com uma maior incidência, no sentido de um esboço da relação e o verdadeiro acesso à relação Eu-Outro, ou seja, entre a produção de um bom processo criativo de simbolização e a dispersão. Por contraponto, nas pré-transformações no masculino existe uma maior estabilidade na relação Eu-Outro, mas uma menor criatividade na sua elaboração, sugerindo as sucessões das respostas Rorschach alguma privação em termos simbólicos.

Os dois movimentos que ilustram as pré-transformações aproximam-se do que Bion (1982) designou por pré-conceção e que pode passar a ser uma conceção quando se une a uma realização, tornando-se independente, com um sentido próprio. No caso das pré-transformações a sua realização implica que se estabeleça uma boa circularidade psíquica reveladora dos movimentos

intrapésíquicos e intersubjetivos, ou seja, a passagem para o nível seguinte, para a transformação progrediente.

O terceiro nível é o da transformação progrediente, reveladora da capacidade de diferenciação Eu-Outro, dado o bom funcionamento da relação continente-conteúdo, na sua plena aceção contentora e transformadora, na qual está presente uma lógica de complementaridade, um processo intersubjetivo e co-constutivo. O movimento da transformação progrediente aproxima-se da capacidade em aceder à realidade última "O" (Bion, 1982), num movimento que tem implícita a revelação do próprio adolescente, a partir do qual podemos aceder ao seu mundo interno, conhecendo-o e dando-o a conhecer ao(s) Outro(s).

As transformações progredientes apresentam uma particularidade relacionada com o aumento da diferenciação entre espaços e lugares, uma vez que o acesso à realidade última "O" irá traduzir-se num aumento da capacidade de simbolização e de abstração, traduzindo o que Marques (2003) designou por "uma conciliação, uma união, um recolocar do lugar de Um e do Outro e de Um no/com Outro" (op. cit., pp. 70). Estas transformações só são possíveis dada a existência de um espaço intersubjetivo, o qual implica a existência de uma tensão continua entre o que acontece dentro do sujeito e o que acontece fora do sujeito, na interação com o(s) Outro(s) (Ogden, 1994).

As transformações progredientes nas raparigas revelam uma relação Eu-Outro mais ligada à presença de movimentos passivos, com insistência em lógicas especulares, no olhar e no ser olhado, dominando os temas de colaboração e de reciprocidade. Nos rapazes estas transformações, são mais evidentes os movimentos contrastados ligados à força, à potência e à agressividade.

Conclusões

No contexto da sociedade atual constitui-se como fundamental o desenvolvimento de novas conceções teóricas que possibilitem o alargamento e o enriquecimento dos referenciais clássicos, de modo a ser possível descrever e compreender os fenómenos psíquicos em construção no processo que é tornar-se adolescente.

A criação de novos organizadores psíquicos como a *techne* e o campo, permitiu dotar o Rorschach de novos parâmetros de análise, mais sensíveis aos processos de transformação, possibilitando a sua abordagem teórica como um método de acesso privilegiado ao funcionamento psíquico. A construção de uma grelha de análise para o Rorschach foi fundamental para a operacionalização da leitura dos protocolos, permitindo uma sistematização dos fenómenos psíquicos, com o rigor em termos conceptuais e metodológicos que é essencial para o desenvolvimento científico.

Este estudo permitiu explicitar as transformações do Eu e da relação Eu-Outro que ocorrem entre os 13 e os 16 anos, designando as suas particularidades para o feminino e para o masculino. No entanto, muitas outras leituras se oferecem ainda realizar, nomeadamente no contexto da psicopatologia, não no sentido da classificação, mas no da compreensão para que mais trabalho na área da prevenção possa vir a ser desenvolvido, tendo por base o alargamento da compreensão dos processos mentais à construção do Ser.

Referências

- Bion, W.R. (1982). *As transformações. A mudanças do aprender para o crescer.* Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Bion, W.R. (1991). *Atenção e Interpretação. O acesso científico à intuição em psicanálise e grupos.* Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Braconnier, A. (1985). *Ruptures et séparations.* *Adolescence*, 3, (1), 5-19.
- Bollas, C. (1989). *L'objet Transformationnel.* *Revue Française de Psychanalyse*, LIII, 1181-1199.
- Caper, R. (2009). *Building out into the dark. Theory and observation in science and psychoanalysis.* London and New York: Routledge.
- Chabert, C. (1998a). *O Rorschach na clínica do adulto. Interpretação Psicanalítica.* Lisboa: Climepsi Editores.
- Chabert, C. (1998b). *A psicopatologia à prova no Rorschach.* Lisboa: Climepsi Editores.
- Ferro, A. (2000). *A Psicanálise como Literatura e Terapia.* Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Ferro, A. (2002). *The Work of the Negative.* *International Journal of Psycho-Analysis*, 83, (4), 974-982.
- Ferro, A. (2009). *Mind Works. Technique and Creativity in Psychoanalysis.* London: Routledge.
- Ferro, A. (2011). *Avoiding Emotions, Living Emotions.* London and New York: Routledge.
- Godinho, M.Q., Marques, M. E. & Pinheiro, C. B. (2009). *A expressão no Rorschach dos fenómenos transitivos e do espaço potencial na personalidade borderline.* *Análise Psicológica*, XXVII, (3), 349-363.
- Klein, M. (1996). *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos.* In R. Money-Kyrle, B. Joseph, E. O'Shaughnessy & H. Segal, (Eds). *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos 1921-1945 - Vol I.* (pp. 385-412). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Linhares, M. & Pinheiro, C. (2009). *O Eu-Pele no Rorschach: A sua expressão em adolescentes toxicodependentes.* *Análise Psicológica*, XXVII, (3), 307-318.

- Marques, M. E. (1999). *A Psicologia Clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Marques, M. E. (2003). Sobre como é que as mulheres ficaram em silêncio. Campos, sementes e sementeiras. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 23, 55-74.
- Ogden, T. (1994). The Analytic Third: Working with Intersubjective Clinical Facts. *International Journal of Psychoanalysis*, 75, 3-17.
- Rausch de Traubenberg, N. (1990). *A Prática do Rorschach*. São Paulo: Cultrix.
- Rausch de Traubenberg, N., Bloch-Lainé, F., Duplant, N., Martin, M. & Poggionovo, M. (1993). Le Rorschach a l'adolescence: La Clinique du Normal. *Bulletin de la Société du Rorschach et des Méthodes Projectives de Langue Française*, 37, 7-39.
- Vassalli, G. (2001). The birth of Psychoanalysis from the spirit of Technique: what have we learned? How can we Apply it? *International Journal of Psychoanalysis*, 82, (1), 3-23.